

FORMAÇÃO LEXICAL EM OMÁGUA CONTEMPORÂNEO

Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)
tupinikim@msn.com

RESUMO

Entre os primeiros povos amazônicos contatados pelos colonizadores no século XVI, figuram os omáguas ou kambebas. Atualmente, habitam espaços no Peru, Colômbia e no Brasil, principalmente, mas não apenas, na região Norte. Embora, até o início da era colonial, tenham sido uma pujante e numerosa nação, habitando grandes cidades e dominando amplas áreas da várzea amazônica, sobretudo devido ao início dos contatos com os europeus e as consequentes, guerras epidemias, escravização, migrações e dispersões, esse povo passou por processos de depopulação e aculturação, do qual resultaram, sobretudo no Brasil, a obsolescência de sua língua, atualmente falada como L1 por pouquíssimos indivíduos já bastante idosos, do que lhe decorre uma dramática circunstância de quase extinção. A consulta às poucas fontes dicionarísticas disponíveis (OHAGAN, 2011; TUISIMA, 2011; BONIN, KAMBEBA, 1999) e a checagem de dados em trabalhos acadêmicos outros (FAUST, 1959, 2008; MICHAEL, O'HAGAN, 2016 e SANTOS, 2015) e com os falantes remanescentes brasileiros permitiram a abstração dos processos de formação lexical no omágua contemporâneo (composição e derivação), isolar seus doze sufixos derivacionais produtivos, seus sentidos e funções bem como atender a uma solicitação de educadores e literatos da etnia no sentido de formar decalques capazes de expressar conceitos e artefatos da sociedade ocidental hegemônica, mas presentes no cotidiano dessa população, formas essas apresentadas aos poucos usuários nativos que, reconhecendo-as bem formadas, as aprovaram.

Palavras-chave:

Língua omágua. Sufixos derivacionais. Processos de formação lexical.

ABSTRACT

Among the first Amazonian peoples contacted by the colonizers in the 16th century, there are the omáguas. Nowadays, they live in spaces in Peru, Colombia and Brazil, mainly, but not only, in the North region. Although until the beginning of colonial age, they were a thriving and numerous nation, inhabiting large cities and dominating large areas of the Amazon floodplain, after contacts with Europeans and the consequent epidemic wars, enslavement, migrations and dispersions, this people went through depopulation and acculturation processes, which resulted, mainly in Brazil, in the obsolescence of their language, currently spoken as L1 by very few and old persons, resulting in a dramatic circumstance of almost extinction. Consulting few available dictionary (OHAGAN, 2011; TUISIMA, 2011; BONIN, KAMBEBA, 1999) and checking data in other academic works (FAUST, 1959, 2008; MICHAEL, O'HAGAN, 2016 and SANTOS, 2015) and with the remaining Brazilian speakers allowed the abstraction of lexical formation processes in the contemporary omagua (composition and derivation) and the isolation of its twelve derivational suffixes and their senses. It was also possible to respond to a request from omágua educators and writers for forming decals able of express concepts and artifacts from the Western hegemonic society, but

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

present in the daily lives of this population, forms presented to the native users, who recognizing them as well formed, approved them.

Keywords:

Lexical formation processes. Derivational suffixes. Omagua language.

Neste texto, após um breve excursus introdutório ao leitor sobre a etnia omágua ou kambeba, parte de seu processo secular de resistência, adaptação e sobrevivência à invasão de seu território, a dramática situação de sua língua nativa, o processo de reafirmação étnica (feito, também, pela tentativa de reavivamento linguístico, com a formação de professores e escolarização da atual geração de crianças, tendo-a como L2), apresentamos o contexto de surgimento de nossa pesquisa, aspectos da metodologia empregada e os resultados referentes a destacado aspecto da morfologia de qualquer idioma – os processos de criação lexical – com destaque para a composição e a derivação, que permitem, inclusive, a formação de neologismos vocabulares mediante decalques para a expressão de conceitos e artefatos oriundos da cultura ocidental hegemônica e presentes no cotidiano dos falantes.

Assim, inicialmente, cumpre-nos dizer que, entre os primeiros povos amazônicos a travar contato com os invasores europeus, quando da expedição de Diego Nunes às bacias do Huallaga, Marañon e Amazonas em 1538, figuram os omáguas, também conhecidos no Brasil como kambebas⁵. Senhores, então, de vasto território – das proximidades da região entre os atuais municípios de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil), passando pelo baixo rio Napo, (Equador) até a foz do Jandiatuba, no Alto Solimões, Amazonas (cf. SILVA, 2012) –, os omágua parecem ter exercido significativa influência político-econômica na região da Amazônia que ocupavam e exibiam uma organização social de larga escala, havendo descrições de grandes cidades a eles pertencentes por parte de viajantes europeus.

Contudo, na década de 1690, pressionada pela ação de *encomenderos* espanhóis e bandeirantes portugueses, a sociedade omágua entrou em colapso, daí resultando a captura de milhares de indivíduos e a fuga, rio acima, dos sobreviventes que, por volta de 1720, viviam principal-

⁵ A designação *kambeba* não é própria da língua dessa etnia, que a recebeu de falantes da língua-geral amazônica ou *nheengatu*, origem de parte de seu léxico: *akanga* ‘cabeça’ + *pewa* ‘chata’; donde ‘cabeça achatada’, devido a um antigo hábito desse povo de achatar a cabeça como forma de diferenciar-se de seus vizinhos. (Cf. FERREIRA, 1903)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mente num pequeno número de assentamentos missioneiros localizados no atual território peruano e brasileiro.

Entre o início do século XX e meados da década de 1980, essa etnia chegou a ser considerada extinta (Cf. RAMOS, 1986). A série de violências e epidemias a que foram submetidos ao longo do processo de colonização levou-os a deixar de se identificar como indígenas, estratégia de defesa e resistência:

Para continuar vivendo e sobrevivendo nas ilhas e várzeas do alto Amazonas, foi necessário negar sua identidade étnica e se assumir como caboclo, ou seja, como não índio, para fugir das pressões e perseguições e discriminações que os afligiam; então, foram obrigados a se colocar como membros do processo civilizatório. (SILVA, 2012, p. 69)

Só em meados dos anos 1980, com a emergência dos movimentos indígenas organizados e o reconhecimento de inúmeros direitos pela Constituição de 1988, eles passaram novamente a afirmar sua condição indígena, num processo de reetnização (Cf. SILVA, 2012), ou seja, de busca e reafirmação de sua identidade étnica.

Atualmente, eles constituem uma etnia indígena habitante das várzeas amazônicas, ocupando espaço em três países – Colômbia, Peru e Brasil; por aqui, sua língua é mais conhecida como omágua; por lá, como kokama⁶. Sobre eles, não há estatísticas demográficas atualizadas ou rigorosas. Maciel (1994 *apud* Maciel, 2020) informa que, no Peru, eles totalizam 3.500 habitantes, enquanto dados do SIASI/SESAI de 2014 falam de 875 no Estado do Amazonas, distribuídos em cinco aldeias, quatro no médio Solimões e uma no baixo Negro, precisamente, na desembocadura do rio Cuieiras. Há algumas famílias nos arredores de Manaus e outras no alto Solimões (223, segundo fontes kambebas), em terras tikunas. A partir dos dados mais recentes disponíveis, Maciel (2020) estima “a população total desses índios no território brasileiro em torno de 1.500 indivíduos”. Contudo, há ainda registros de membros desaldeados da etnia vivendo na Grande Belém, noutras grandes cidades amazônicas e nas grandes metrópoles do Sudeste (Cf. SILVA, 2012).

Contudo, ao longo do período de silenciamento acima referido, a língua omágua sofreu um processo de obsolescência e quase extinção, pois, à medida que passaram a se identificar como não índios, foram os kambebas paulatinamente deixando de usá-la em espaços públicos, res-

⁶ Preferencialmente, usamos o termo omágua para designar a língua e o povo, podendo, contudo, designar este por kambeba ou, devido às citações, kokama.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tringindo-a à intimidade familiar e, com isso, foi ela perdendo espaço para a língua portuguesa que, a partir da década de 1960 (Cf. VIEGAS, 2010), passou à condição de única língua materna transmitida às novas gerações, algo também registrado em outras línguas indígenas.

Disso hoje resulta que, assim como a de outras línguas ameríndias, a situação da omágua é dramática, porque pouquíssimos falantes, em geral muito idosos, a têm como língua-materna. Segundo Viegas (2010, p. 16), “Hoje, os Kokama do Brasil lutam para retomar a língua nativa de seus pais e avós, mesmo como segunda língua”, por reconhecerem que “muito se perdeu” (SILVA, 2012, p. 70). A tentativa de resgate da língua trata-se, assim, de parte de sua reetnização.

Para contribuir com esse processo e em atendimento a demanda de lideranças da etnia, concebemos o projeto⁷ “Língua omágua do Brasil: gramaticização, dicionarização e implementação na escola como estratégias de afirmação identitária” (RAMOS, 2020), cujo objetivo central é elaborar de uma gramática dessa língua voltada à formação professores indígenas e um dicionário omágua-português, produtos cujas versões prévias estão em fase de acabamento.

Ao longo da pesquisa, a partir da consulta a referências brasileiras e peruanas (TUISIMA, 2011; BONIN; KAMBEBA, 1999), recolhemos cerca de 1700 lexias (palavras, radicais, afixos, partículas), checadas com os falantes nativos brasileiros do omágua ou em trabalhos especializados precedentes (O’HAGAN, 2011; MICHAEL; O’HAGAN, 2016; FAUST, 1959; 2008; SANTOS, 2015), e pudemos abstrair os processos de criação vocabular dessa língua.

A pedido de educadores e literatos kambeba, secundariamente pretendemos compor palavras referentes a conceitos e artefatos contemporâneos, oriundos da cultura ocidental hegemônica e presentes no cotidiano das aldeias, para evitar o uso de empréstimos⁸ de forma e conteúdo

⁷ O projeto vincula-se ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia, bem como à Pós-graduação em Educação e Diversidade Étnico-Racial, que coordenamos, e é implementado no Laboratório de Estudo da Diversidade Linguística e Cultural da mesma instituição, sede de nosso grupo de pesquisa. O projeto se vincula, ainda, ao Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira, onde somos pesquisador-visitante, sem vínculo empregatício ou atividade remunerada.

⁸ Empréstimo linguístico é o elemento (fonema, afixo, lexema, palavra) de uma língua ou dialeto que, pelo contato desse(a) com outro(a), neste(a) penetra, adaptando-se à sua estrutura. Alguns empréstimos vocabulares são de forma e conteúdo, ou seja, pegam a palavra, adaptando sua pronúncia à estrutura da língua de recepção; outros, os decalques, são

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ao português. Alguns desses decalques são mostrados aqui. Uma vez criados, eles foram exibidos aos pouquíssimos falantes nativos brasileiros do omágua que, tendo compreendido seu sentido, consideraram-nos bem formados.

A seguir, tentaremos explicar os processos subjacentes às palavras já dicionarizadas na língua omágua bem como às criações neológicas.

Ora, segundo Correia e Almeida (2012),

[...] uma das características da linguagem humana é, precisamente, o fato de todas as línguas possuírem mecanismos capazes de gerar novas palavras, tornando-se aptas para a denominação e a comunicação de quaisquer realidades concretas ou abstratas. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 35)

Isto ocorre porque, à medida que a sociedade se modifica com o tempo, surgem novos conceitos e artefatos sem lexia pronta para expressá-los, advindo, desse processo, neologismos vocabulares, que podem vir da língua de origem da nova noção ou coisa – ou seja, por empréstimo linguístico –, mas também serem criados a partir de bases (palavras e radicais) e processos (regras) já existentes na língua.

No segundo mais baixo grau na escala de complexidade entre os processos de formação lexical⁹, está a **composição**, pela qual se juntam bases pré-existentes na língua para formar outro vocábulo. Em omágua, há vocábulos compostos, como *akutipytani* (< *akuti* ‘cutia’ + *pytani* ‘vermelha’, donde ‘cutia vermelha’, a *Dasyprocta variegata* dos zoólogos), *iakaritini* (< *iakari* ‘jacaré’ + *tini* ‘branco’) ou o topônimo *Tururukariuka* (bases: *Tururukari* + *uka* ‘casa’). Por esse processo, é possível criar nomes para artefatos tecnológicos contemporânea; vejam:

Quadro 1: Composição de neologismos para artefatos tecnológicos ocidentais em Omágua.

BASES ‘SIGNIFICADO’	NEOLOGISMO ‘SIGNIFICADO’
<i>amusi</i> ‘longe’ + <i>sisasaika</i> ‘visão’	<i>amusisisasaika</i> ‘televisão’
<i>amusi</i> ‘longe’ + <i>ipumai</i> ‘som’	<i>amusipumai</i> ‘telefone’
<i>amusi</i> ‘longe’ + <i>ienó</i> ou <i>jenó</i> ‘ouvir’	<i>amusijenó</i> ‘rádio’
<i>kúatiarã</i> ‘escrita’ + <i>kumisa</i> ‘falar, dizer’	<i>kúatiarãgumisa</i> ‘falar a escrita, ler’
<i>upai</i> ‘todos’ + <i>pysa</i> ‘rede’	<i>upaiypsa</i> ‘internet’

apenas conceituais, “importam” o significado do item da língua de saída, buscando forma adequada para expressá-lo na língua de chegada.

⁹ Entre os vários processos de formação lexical, há uma escala crescente de complexidade envolvendo desde as formas simples – formadas de um só lexema – passando pelas compostas até chegar às chamadas palavras complexas ou expressões idiomáticas – frutos da imobilização de construções sintáticas em situações específicas. (Cf. ROCHA, 1998).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<i>upaí</i> ‘todos’ + <i>-supi</i> ‘para’	<i>upaí-supi</i> ‘ônibus’
---	---------------------------

Outro processo de formação vocabular é a **derivação**. Nele, juntamos bases pré-existentes a afixos, formas presas que acrescentam significado às bases e, conforme sua posição, podem ser prefixos (à esquerda do lexema, ou seja, antes dele) ou sufixos (à direita, depois da base). Em Omágua contemporâneo, há 12 sufixos derivacionais, abaixo listados em ordem alfabética ao lado de suas funções e noções ou significados gramaticais:

Quadro 2: Sufixos derivacionais do Omágua contemporâneo.

SUFIXO	FUNÇÃO: derivar...	SIGNIFICADO
-îara	verbos a partir de nomes	‘posse do elemento da base’
-ka	nomes a partir de outros nomes	‘atenuação do sentido da base’
	verbos reflexivos a partir de verbos	‘voz reflexiva’
-kaka	verbos frequentativos a partir de outros verbos	‘ação repetitiva’
-kyra	grau diminutivo do nomes na base	‘tamanho pequeno’ ou ‘carinho’
-maî	nomes da forma passiva do verbo na base	‘aquilo que é’ (feito, dito, etc.)
-pa	nomes a partir de verbos transitivos	‘ideia ou objeto ligado à base’
-suri	o agente da ação do verbo da base	‘aquele que’ (faz, diz, etc.) + ‘sentido pejorativo’
-ta	verbos dinâmicos a partir de estativos	‘voz causativa’
-taî	nomes abstratos a partir de verbos	‘ideia abstrata’ ligada à base
-tara	o agente da ação do verbo da base	‘aquele que’ (faz, diz, etc.)
-usu	grau aumentativo do nome na base	‘tamanho grande’
-xiru	nomes a partir de verbos	‘circunstância, acessório, utensílio’

Passamos a explicar o funcionamento dessas formas a partir de um par com correspondência exata em português: **-usu** (sufixo aumentativo, ‘-ão/-ona’) e **-kyra** (o diminutivo, ‘-inho(a)’). Observem os seguintes exemplos, já dicionarizados (Cf. O’HAGAN, 2011): com **-kyra**: os termos familiares *mamakyra* (< *mama* ‘mãe’ + *-kyra*; lit. ‘mãe pequena, mãezinha’, donde ‘tia’) e *papakyra* (< *mama* ‘pai’ + *-kyra*; lit. ‘pai pequeno, paizinho’, donde ‘tio’); *mutakyr* < *muta* ‘barba’ + *-kyra*; lit. ‘pequena barba, barbicha’, donde ‘bigode’; *ûainakyr* < *ûaina* ‘mulher’ + *-kyra*; lit. ‘pequena mulher, menina’; com **-usu**: *akaraus* (< *akará* ‘cará’ + *-usu*, lit. ‘cará-grande, um peixe nativo’) o topônimo Paranásu (< *paraná-usu* < *paraná* ‘rio’ + *-usu*), usado para nomear o rio que chamamos Solimões (Cf. Tuisima, 2011).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ora, a noção básica de tamanho por eles expressa pode ajudar a traduzir conceitos ocidentais em omágua, como mostram os seguintes exemplos: *kuaxiru*¹⁰ ‘escola’ + *-usu* ‘aumentativo’ → *kuaxirusu* ‘escola grande, escolão, universidade’; *kuaxiru* ‘escola’ + *-kyra* ‘diminutivo’ → *kuaxirukyra* ‘escola pequena, escolinha, creche’.

Já o sufixo *-ta* forma verbos dinâmicos a partir de verbos estativos (traduzíveis em português como nomes), demonstrando a transformação de atributo relativo à base, como demonstram os seguintes exemplos: *ai-sita* (< *aisi* ‘estragado’) ‘tornar estragado, estragar’; *epikata* (< *epika* ‘aberto’) ‘tornar aberto, abrir’; *iúta* (< *iú* ‘amarelo’) ‘amarelar’, *ikianata* (< *ikiana* ‘seco’) ‘tornar seco, secar’; *kuarata* (< *kuara* ‘buraco’) ‘fazer buraco, cavar, furar, esburacar’, *saipurata* (< *saipura* ‘bêbado’) ‘tornar-se bêbado, embebedar-se’.

Por sua vez, *-taí* deriva nomes abstratos (isto é, de ideias) a partir de verbos, como se vê em *indataí* ‘reclamação, aborrecimento’ (de *inda* ‘reclamar, aborrecer-se’) e *intataí* ‘irritação’ (de *intata* ‘irritar’).

Exploremos alguns casos a partir desses dois morfemas. Até o início da era colonial, os omáguas viviam em grandes províncias (as *aparia*), geridas por ocupantes do posto de *karuka* ‘governador’, palavra de origem quéchua (Cf. O’HAGAN, 2011), portanto incaica. Ora, acrescentando *-ta* a essa palavra, obtemos *karukata* ‘governar’, à qual, somando-se *-taí*, *karukataí* ‘governo’, conforme se vê abaixo:

Quadro 3: Derivação neológica em omágua a partir de *karuka* ‘governador’.

BASES/AFIXOS (TIPO) ‘SIGNIFICADO’	NEOLOGISMO ‘SIGNIFICADO’
<i>karuka</i> (nome) ‘governador’ + <i>-ta</i> (sufixo)	<i>karukata</i> ‘governar’
<i>karukata</i> (verbo) ‘governar’ + <i>-taí</i> (sufixo)	<i>karukataí</i> ‘governo, Estado’
<i>karuka</i> (nome) ‘governador’ + <i>-usu</i> (sufixo)	<i>karukatusu</i> ‘presidente’
<i>karuka</i> (nome) ‘governador’ + <i>-kyra</i> (sufixo)	<i>karukakyra</i> ‘prefeito’

Além disso, como mostram os dois últimos exemplos acima, se pensarmos que o presidente governa um território maior que o de um governador e o prefeito, um menor, podemos traduzir o primeiro como

¹⁰ Como, originalmente, não havia escolas entre os povos ameríndios, sendo elas uma instituição introduzida pelo invasor europeu, *kuaxiru* é palavra formada no século XVII (Cf. MICHAEL, O’HAGAN, 216) a partir de bases pré-existentes (*kuá* ‘saber, conhecer, aprender’ + *-xiru* ‘circunstância, acessório, utensílio’, donde: ‘lugar de aprender’), e, uma vez criada e usada, presta-se a base de novas formações, como se vê nos exemplos citados.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“governadorzão” e o segundo como “governadorzinho”.

Para encerrar por enquanto o estudo de neologismos omáguas formados a partir da base *karuka* ‘governador’, vejamos como poderíamos traduzir, nessa língua, três conceitos ocidentais com os quais a etnia convive, o primeiro deles, pelo menos há bastante tempo:

1) “lei”, entendida como a palavra do Estado, do Poder Público, seria *karukatai-kumisa*¹¹;

2) “diplomata, embaixador”¹², termos designativos, em português, dos representantes oficiais de um país perante as autoridades de outros países ou de organismos internacionais, atuando como mensageiro de seu governo; ora, em omágua, “mensageiro” se diz *erusutara*; “mensageiro do governo” seria *karukatai-erusutara*;

3) “democracia”, esse vocábulo composto, em português, de duas raízes gregas: *demos* ‘povo’ e *cratias* ‘governo’. Para dizê-lo em omágua, basta juntar a base para ‘povo’ – *aûa*¹³ – com aquela para ‘governo’ – *karukatai* –, de onde temos *aûakarukatai*¹⁴.

Em Omágua, duas lexias significam ‘fazer’: *iaúki* e *ipurata*. Enquanto aquela tem o sentido de ‘criar, planejar, conceber’, esta tem o de ‘construir’. Isso tem consequências para a derivação de palavras, pois nem todos que planejam algo, o executam. O sufixo agentivo é o mesmo (*-tara* ~ *-taûaûra*, variante antiga), mas o sentido diferirá, dependendo do ‘fazer’: *iaukitara* é ‘quem faz, cria, planeja’, enquanto *ipuramatatara* é

¹¹ Michael, O’Hagan (2016) registram uma base real para essa formação. Segundo eles, para traduzir “mandamento, lei de Deus, palavra-de-Deus”, em seu catecismo em língua omágua, o padre Samuel Fritz teria usado a expressão *Dios-kumisa*.

¹² O diplomata ou embaixador – no sentido, inclusive, de negociador de paz em conflitos bélicos e de interesses vários (casamentos, comércio) em tempos de paz – era conhecido e considerado sagrado e inviolável por populações tupis antes mesmo da invasão europeia à América, segundo os primeiros cronistas. Na costa leste da América do Sul, Lery registra a presença dos *karai*, pajés andarilhos com funções ao mesmo tempo proféticas e diplomáticas (Cf. NAVARRO, 2013) e Oberem (1968) indica registros coloniais espanhóis sobre a ida de índios omáguas a cidades incas em missão comercial e cultural, no período pré-colombiano. A despeito disso, tanto nos dicionários disponíveis quanto na memória dos falantes nativos, não se encontrou o termo equivalente a “embaixador”.

¹³ Nesse sentido, haveria duas composições correspondentes a ‘fala do povo’: *aûakumisa* que, mais concreta, traduziria ‘dialeto’, e *aûakumisatai*, mais abstrata, ‘voto’; já ‘plebiscito’, por sua vez, corresponderia a *aûapiatatai*, literalmente ‘consulta popular’.

¹⁴ *Aûakarukatai* ‘democracia’ demonstra que, uma vez criado, o neologismo (*karukatai* ‘governo’) pode servir de base para a composição e para a derivação de novas lexias.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

‘quem faz, executa’. Isso gera diferença na tradução de profissões:

Quadro 4: *iaukitara* X *ipurimatatara* na composição de nomes de profissões.

BASE 1	BASE 2	NEOLOGISMOS
pâu ‘pão’	<i>IAUKITARA</i>	<i>pâuiaukitara</i> ‘padeiro’
<i>uka</i> ‘casa’	‘quem faz, cria, planeja’	<i>ukaiaukitara</i> ‘arquiteto’
<i>eúmaí</i> ‘comida’		<i>eúmaíiaukitara</i> ‘cozinheiro’
<i>uka</i> ‘casa’	<i>IPURIMATATARA</i>	<i>ukaipurimatatara</i> ‘pedreiro’
<i>eúmaí</i> ‘comida’	‘quem faz, executa’	<i>eúmaíipurimatatara</i> ‘ajudante de cozinha’

Caso análogo é o de *kumisata*, *ypapari* e *ypipa* ‘contar’, só que *kumisata* tem o sentido de ‘relatar casos’, *ypapari*, o de ‘contar, enumerar’ e *ypipa*¹⁵, o de ‘fazer contas, calcular’. Também aqui há consequências na tradução de profissões, como se vê no Quadro 5:

Quadro 5: O sufixo *-tara* na derivação de nomes em omáguá¹⁶.

BASE	+	NOME DERIVADO
<i>kumisata</i> ‘contar, relatar’	-TARA	<i>kumisatatara</i> ‘o que conta histórias; contador, escritor’
<i>ypapari</i> ‘contar, enumerar’		<i>ypaparitara</i> ‘o que conta, enumera coisas; contador, contabilista’
<i>ypipa</i> ‘contar, calcular’		<i>ypypatara</i> ‘o que calcula; matemático’
<i>iapina</i> ‘cortar os cabelos’		<i>iapinatara</i> ‘o que corta cabelos, cabeleireiro’
<i>iaiximata</i> ‘conduzir’		<i>iaiximatatara</i> ‘o que conduz, condutor, motorista’
<i>ikia</i> ‘cantar’		<i>ikiatara</i> ‘o que canta, cantor’
<i>íu</i> ‘costurar’		<i>ítara</i> ‘o que costura, costureiro’
<i>íumuí</i> ‘ensinar’		<i>íumuítara</i> ‘o que ensina, professor’
<i>ukua</i> ‘aprender’		<i>ukuatara</i> ‘o que aprende, estudante’
<i>úakuta</i> ‘proteger’		<i>úakutatara</i> ‘o que protege, o protetor, o guarda-costas, o agente de segurança’
<i>ipu</i> ‘soar, tocar’		<i>íputara</i> ‘aparelho de som’
<i>ímunuepeta</i> ‘redimir’		<i>ímunuepetatara</i> ‘redentor’
<i>íumyrata</i> ‘aborrecer’		<i>íumyratatara</i> ‘aborrecedor’
<i>kúatiarágumisa</i> ‘ler’		<i>kúatiarágumisatara</i> ‘o que lê, leitor’
<i>kumisa</i> ‘falar’		<i>kumisatara</i> ‘falante’
<i>myta</i> ‘enganar, iludir’		<i>mytatara</i> ‘enganador’

¹⁵ A partir da base *ypypa* ‘contar, fazer contas, calcular’ é possível criar o nome equivalente a “computador”. Como, em português, computar é sinônimo de calcular, é possível traduzir o nome desse artefato tecnológico como *ypypataí* (como vimos, *-tai* é o nominalizador de verbos) e *notebook* – um computador pequeno – como *ypypataíkyra*.

¹⁶ Nesse quadro, exceto *íumuítara* ‘professor’ (palavra surgida na era colonial. Cf. MI-CHAE, O’HAGAN, 2016), todos os outros itens são neologismos. Os nove primeiros indicam profissões; o décimo, não só.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Além de *-tara*, também *-suri* indica o agente da ação, quem faz algo; mas o sentido da palavra resultante normalmente é pejorativo. Assim, por exemplo: de *kumisa* ‘falar’, derivamos *kumisatara* ‘aquele que fala, o falante’ (de sentido neutro), mas também *kumisasuri* ‘falador, conversador, fofoqueiro’ (sentido negativo); de *piata* ‘perguntar’, formamos *piatatara* ‘repórter, jornalista’ (uma profissão respeitável), mas também *piatasuri* ‘curioso, perguntador’ (atributo ruim); de *musanaka* ‘curar’, temos *musanakata* ‘médico’ (significado positivo), mas também *musanakasuri* ‘curandeiro’ (significado negativo, ao menos na sociedade ocidental).

Por sua vez, *-maĩ* deriva o nome não do agente, mas do objeto da ação indicada pelo verbo da base; por exemplo: de *eú* ‘comer’, forma-se *eúmaĩ* ‘aquilo que é comido, o alimento, a comida’; de *ikua* ‘saber, conhecer’, *ikumaĩ* ‘aquilo que é conhecido, conhecimento’; de *ĩumuĩ* ‘ensinar’, *ĩumuĩ* ‘ensinamento, lição, aula’; de *ipua* ‘soar, tocar’, *upumaĩ* ‘aquilo que é tocado, som’; de *kumisa* ‘falar, dizer’, *kumisamaĩ* ‘o que é dito, palavra’, *yúati* ‘elevar-se’, *yúatimaĩ*¹⁷ ‘elevado(a), alto(a)’.

O sufixo *-ka* pode se juntar a nomes ou verbos. Se a base for um nome, resulta outro, de sentido atenuado, mais leve; por exemplo: de *epika* ‘aberto(a)’, temos *epikaka* ‘entreaberto(a)’; de *ikiana* ‘seco(a)’, *ikianaka* ‘úmido(a)’. Por outro lado, se a base for um verbo, resulta um verbo reflexivo, ou seja, aquele cuja ação recai sobre o próprio agente: de *ereúa* ‘voltar’, deriva *eriúaka* ‘voltar-se’; de *ĩapina* ‘cortar o cabelo de alguém’, *ĩapinaka* ‘cortar o próprio cabelo’; de *ĩuana* ‘abrigar, cobrir’, *ĩuanaka* ‘abrigar-se, cobrir-se’.

Em *-kaka*, a repetição silábica antecipa o sentido acrescido à base verbal desse morfema derivacional verbal: ação frequentativa; observem: de *ĩatĩyka* ‘picar’, *ĩatykaka* ‘pinicar’; de *ĩiuka* ‘estar amarelado(a), envelhecido(a)’, *ĩiukaka* ‘envelhecer, esfarelar’; de *ũyka* ‘esforçar-se’, *ũykaka* ‘insistir, resistir’. Há apenas uma ocorrência descontínua, fragmentada, desse afixo: *karykataka* ‘pular, saltitar’, de *karyta* ‘brincar’.

O sufixo *-pa* nominaliza verbos: de *aũuka* ‘bater, golpear’, *aũukapa* ‘pancada’; de *karikataka* ‘saltitar’, *karikatakapa* ‘salto’; de *kipi-*

¹⁷ Na era colonial, os jesuítas estudaram as principais línguas indígenas das regiões onde se instalavam para traduzir nelas os conceitos cristãos e, assim, propagar sua fé entre nossos ancestrais, aculturando-os. No caso da várzea amazônica, entre outras línguas, aqueles religiosos aprenderam o omágua e usaram o vocábulo composto *yúatimaĩ* ‘elevado(a)’ para tentar traduzir a ideia de Paraíso, Céu: *Yúatimaĩretama* ‘aldeia elevada’. (Cf. MICHAEL, O’HAGAN, 2016)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ta ‘apertar’, *kipitapa* ‘aperto’; de *kuririta* ‘sujar’, *kuriritapa* ‘sujeira’; de *myta* ‘iludir’, *mytapa* ‘ilusão’.

Ao longo deste texto, sempre nos referimos à afixação. Mas há um tipo de derivação sem o uso de afixos, a chamada **derivação imprópria**, quando a palavra muda de classe gramatical. Há diversos níveis de derivação imprópria, sendo o mais drástico o conhecido como gramaticalização, quando um nome ou um verbo, aos poucos, vai perdendo elementos semânticos, podendo se tornar um afixo.

Em Omágua, isso ocorre com *îara* ‘dono(a), proprietário(a)’ que, como nome, junta-se a outras bases para composição: *îarakanûara* ‘dona dos ossos; coluna’ (*kanûara* ‘osso’), *manipiaraiara* ‘pescador’ (*manipiara* ‘anzol’), *memyraiara* ‘grávida, prenha’ (*memyra* ‘feto’), *menaiara* ‘casada’ (*mena* ‘marido’), *mirikuaiara* ‘casado’ (*mirikûa* ‘esposa’), *uxiara* ‘pecador’ (*uxa* ‘pecado’), etc. Como prefixo, -iara deriva verbos a partir de nomes, dando-lhes a ideia de posse: *kamaîara* ‘ter seios’ (de *kama* ‘seio’), *musaiara* ‘ter uma paixão, apaixonar-se’ (de *musa* ‘paixão’), *sesaiara* ‘ter flores, florescer’ (de *sesa*, ‘flor’).

Outro nome gramaticalizado é *xiru* ‘roupa, acessório’, elemento de composições como *namixiru* ‘acessório da orelha; brinco’ (< *nami* ‘orelha’), *puaxiru* ‘acessório da mão; anel’ (< *pua* ‘mão’), *pytaxiru* ‘roupa do pé; meia’ (< *pyta* ‘pé’), *setymaxiru* ‘roupa da perna; calças’ (< *setyma* ‘perna’). Contudo, **-xiru** é ainda usado para derivar nomes a partir de verbos, a que acrescenta o sentido de ‘circunstância, utensílio’:

Quadro 6: Exemplos de derivação de palavras com o sufixo -xiru.

BASE	+	FORMA DERIVADA
<i>eú</i> ‘comer’	-XIRU ‘circunstância, utensílio’	<i>eûxiru</i> , ‘utensílio de comer, prato, comedouro’
<i>îapina</i> ‘cortar cabelo’		<i>îapinaxiru</i> , utensílio de cortar cabelo, tesoura
<i>îasai</i> ‘laçar’		<i>îasaîxiru</i> , utensílio para laçar, laço
<i>ikua</i> ‘saber, aprender’		<i>ikuaxiru</i> ‘lugar de estudar, escola’.
<i>kûaruka</i> ‘urinar’		<i>kûarukaxiru</i> ‘utensílio para urinar, penico’
<i>Maria</i> ‘a Virgem’		<i>Mariaxiru</i> ‘lugar de Maria, igreja’
<i>sasysyma</i> ‘gritar’		<i>sasysymaxiru</i> ‘utensílio para gritar, megafone’
<i>tepiti</i> ‘cocô’		<i>teputixiru</i> ‘lugar do cocô; tripas, intestino’
<i>uni</i> ‘água’		<i>unixiru</i> ‘utensílio para água; jarra, moringa’

Tratemos, enfim, do um terceiro processo de criação lexical, a **deformação vocabular**, especificamente aquela **por redução**. Nela, como

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

o próprio nome sugere, há a diminuição da base, como ocorre com **abreviaturas** ou **siglas**: uma palavra complexa ou expressão muito longa é reduzida às letras iniciais de suas bases. Em português, por exemplo, a Associação dos Povos Indígenas do Brasil é uma palavra complexa, reduzida para APIB; Movimento dos Trabalhadores sem Terra, é dito MST; o Partido dos Trabalhadores é referido como PT; a Universidade do Estado da Bahia é mais conhecida como UNEB, etc. Embora sem registro na língua omágua, devido ao contato desta com o português brasileiro, é necessário indicar o que fazer com as siglas dessa origem: o recomendável é não as traduzir, mas tomá-las de empréstimo total, de forma e conteúdo. Contudo, siglas derivam palavras – por exemplo, *petista* e *unebiano* –, deriváveis, em Omágua, pela base (sigla) seguida de *-xiru* (*petexiru* ‘petista’, *unebixiru* ‘unebiano’, etc.).

Encerrando este artigo, mas não o estudo da língua Omágua, sinalizamos ter atingido os objetivos propostos, quais sejam, a descrição dos processos de criação lexical nessa língua, com o levantamento dos sufixos derivacionais produtivos, que permitem, inclusive, a formação de neologismos vocabulares, em geral, por decalques para a expressão de conceitos e artefatos oriundos da cultura ocidental hegemônica e presentes no cotidiano da etnia omágua/kambeba que realiza um imenso esforço de reavivamento de sua obsolescente língua como parte de seu processo de reetnização iniciado em meados da década .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONIN, Iara Tatiana; KAMBEBA, Raimundo Cruz da Silva (Orgs). *Aua kambeba*: a palavra na aldeia de Nossa Senhora da Saúde. Brasília: UNICEF/CIMI, 1999.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

FAUST, Norma. *Gramática cocama*: lecciones para el aprendizaje del idioma cocama. 3. ed. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

FAUST, Norma; PIKE, Evelyn G. *O sistema fonêmico do Kokama*. Trad. de Enny Marins de Lima. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. A propósito de uma estampa representando um índio kambeba. *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, vol. 12, p. 190-5, 1903. Disponível em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<http://www.etnolinguistica.org/biblio:ferreira-1903-cambeba>. Acesso em: 9.set.2020.

MICHAEL, Lev; O'HAGAN, Zachary. *A linguistic analysis of Old Omagua ecclesiastical texts*. Berkeley: University of California, 2016.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário tupi-antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

OBEREM, Udo. Un grupo indígena desaparecido del Oriente ecuatoriano. *Revista de Antropologia*, vol. 15/16, p. 149-70, São Paulo, 1968.

O'HAGAN, Zachary. *Dicionario omágua-castellano*. 2011. Disponível em: http://linguistics.berkeley.edu/~zjohagan/pdflinks/omagua_fw2011_dict_TOTAL_FINAL.pdf. Acesso: 21.mar.2020

RAMOS, Alcida Rita. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Língua Omágua do Brasil: gramaticização, dicionarização e implementação na escola como estratégias de afirmação identitária*. Caetité: UNEB/DCH – *Campus VI*, 2020.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

SANTOS, Yonara Cristina de Souza dos. *Fonética e fonologia preliminar da língua Omágua/Kambeba*. Dissertação – Mestrado em Letras. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. 77f.

SILVA, Márcia Vieira da. *Reterritorialização e identidade do povo Omágua-Kambeba na aldeia Tururucari-Uka*. Dissertação: Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. 153f.

TUISIMA, Arnaldo Huanaquiri. *Historias del Pueblo San Joaquin de Omaguas*. 2011. Disponível: <http://cla.berkeley.edu/item.php?Bndlid=23732>. Acesso: 21.mar.2020.

VIEGAS, Chandra W. *Natureza e direções das mudanças linguísticas observadas entre os últimos falantes do Kokama nativos do Brasil*. Dissertação: Mestrado em Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2010. 129f.